

Um estudo sobre a prática do professor na educação infantil no município de Abaetetuba

Daniele Azevedo Rodrigues¹

Vilma Nonato de Brício²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo a análise e reflexão das práticas o professor de Educação infantil. Portanto, a intenção é discutir sobre a pratica de ensino dos professores da rede pública que atuam nessa etapa da educação básica, no município de Abaetetuba. O estudo propõe fazer a relação do que foi analisado na pesquisa com embasamento em estudos de importantes teóricos que abordam a história da educação infantil, legislação, pratica de ensino, o papel do professor e do adulto, saúde nas instituições de educação infantil, sexualidade e gênero, ambiente escolar e sua organização, importância da leitura, bem como o Multiculturalismo e educação. Como procedimento metodológico foi realizada a pesquisa em uma escola da Rede Municipal, a qual atende crianças de 3 a 6 anos de idade. Foi utilizada a entrevista semiestruturada assim como a observação participante com uma das professoras do quadro docente daquela instituição. A análise dos dados apontou que a prática da professora baseava-se na opressão e no controle a qual prejudica o desenvolvimento das crianças nessa fase da infância.

Palavras-chave: Educação infantil. Prática do professor. Criança

INTRODUÇÃO

Atualmente a Educação Infantil tem ganhado espaço nas discussões no Brasil e no mundo, isso porque se observou a importância do desenvolvimento e as experiências da criança nessa etapa da vida, que vem motivando um aumento do investimento e a significativa ampliação do número de instituições escolares para receber crianças de zero a cinco anos. Sendo assim, o presente estudo é parte de uma pesquisa realizada na disciplina Prática de Ensino de Educação Infantil do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará.

Considerando que a educação para crianças menores de 7 anos é recente analisar a pratica do professor é fundamental, pois a infância precisa de um olhar diferenciado devido a importância do desenvolvimento da criança nesta etapa da vida, já que é nela que a criança conhece o mundo e a si próprio. Logo, o presente trabalho tem como objetivo a análise e refle-

¹ Licenciatura em Pedagogia, UFPA. E-mail: danielerodrigues360@yahoo.com.br

² Orientadora. Doutora em Educação, Universidade Federal do Pará. E-mail: briciovn@gmail.com

xão das práticas o professor de Educação infantil, nessa fase que a criança começa a descobrir o contexto que a cerca.

O estágio foi realizado como forma de pesquisa em que a observação tem como objetivo realizar a análise e reflexão das práticas de professores (as) de Educação infantil. A pesquisa foi realizada em uma escola Municipal de Educação Infantil na cidade de Abaetetuba, estado do Pará, no período II que compreende alunos com 5 anos de idade. Durante a realização da pesquisa, presenciamos vários momentos e situações que foram utilizados para a construção deste artigo.

Por último foi realizada uma entrevista semiestruturada com a professora do quadro docente da instituição, nesse caso a mesma professora da turma observada. Como instrumento facilitador da entrevista utilizou-se gravador de voz e perguntas abertas, sendo estes, as técnicas de coleta de informações. Além disso, foi utilizado como método de pesquisa a abordagem qualitativa, considerando a sua relevância, pois acreditamos que nos possibilita maior aproximação do objeto a ser pesquisado além, de nos proporcionar uma maior participação para que possamos ser capazes de propor soluções para determinado problema.

Para orientar nossa observação, antes realizamos estudos bibliográficos sobre a educação infantil envolvendo temas como: história da educação infantil, legislação, o papel do professor e do adulto, saúde nas instituições de educação infantil, sexualidade e gênero, ambiente escolar e sua organização, importância da leitura, destacando as ideias de autores como Vera Maria Candau (2011), Bujes (2001) e Emília Ferreiro (1999).

OS 3 PILARES DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Como pensar em Educação Infantil e não lembrar dos 3 processos que a envolvem: educar, brincar, cuidar.

O cuidar segundo Maria Isabel Edelweiss Bujes, na maioria das vezes, tem o significado de realizar atividades como higiene, sono, alimentação, ou seja, cuidados primários. Porém ela afirma que:

“[...]Cuidar inclui preocupações que vão desde a organização dos horários de funcionamento da creche, compatíveis com a jornada de trabalho dos responsáveis pela criança, passando pela organização do espaço, pela atenção aos materiais que são oferecidos como brinquedos, pelo respeito às manifestações da criança (de querer estar sozinha, de ter direito aos ritmos, ao seu “jeitão”) até a consideração de que a creche não é um instrumento de controle da família, para dar apenas alguns exemplos.[...] ver os cuidados desta forma talvez nos

ajude a perceber que eles são indissociáveis de um projeto educativo para a criança pequena.” (BUJES, 2001)

Segundo o que diz a autora, compreendemos que o cuidar estar ligado ao educar. Sendo assim, não podemos vê-los separadamente mais como partes integrantes na educação Infantil.

O educar, sendo o segundo processo que envolve a educação infantil:

[...] significa, portanto, propiciar situações de cuidados, brincadeiras e aprendizagens orientadas de forma integrada e que possam contribuir para o desenvolvimento das capacidades infantis de relação interpessoal, de ser e estar com os outros em uma atitude básica de aceitação, respeito e confiança, e o acesso, pelas crianças, aos conhecimentos mais amplos da realidade social e cultural. Neste processo, a educação poderá auxiliar o desenvolvimento das capacidades de apropriação e conhecimento das potencialidades corporais, afetivas, emocionais, estéticas e éticas, na perspectiva de contribuir para a formação de crianças felizes e saudáveis. (BRASIL, 1998, p.23).

Consequentemente o educar proporciona cuidados e aprendizagens que na educação são aspectos importantes, através dos quais a criança se desenvolve.

Por último o brincar, que é algo fundamental para crianças, porque é brincando que elas descobrem o mundo, interajam com os outros e com o seu meio e se inserem no contexto social. O Brincar é um direito da criança, e é pelo qual elas também se desenvolvem.

Dessa forma, previamente é necessário que o professor possa refletir sobre os 3 pilares da educação infantil, lembrar que a criança enquanto ser social está conhecendo o mundo e a si mesmo; nessa etapa da vida através do cuidar, do brincar e do educar, o professor poderá realizar ações que possam favorecer o desenvolvimento da criança.

Segundo Silva (2014), “para que o ato de educar contribua com o processo do desenvolvimento infantil” é necessário que o professor planeje, estreite as relações escola e família; consolide um espaço que favoreça a aprendizagem; e que a relação professor/aluno seja intermediário pela afetividade e também com compromisso.

A PRÁTICA DO PROFESSOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

A educação de crianças por muito tempo foi considerada responsabilidade da família ou do grupo a qual ela fazia parte. Segundo Bujes (2001) a criança aprendia a se tornar membro do grupo através do convívio com

adultos e com outras crianças, dessa forma ela ia adquirindo conhecimento para sua sobrevivência material e para enfrentar sua vida adulta.

Por um bom período da história da humanidade, não houve nenhuma instituição responsável por compartilhar esta responsabilidade pela criança com seus pais e com a comunidade a qual ela fazia parte. Isto nos permite dizer que a educação infantil a qual conhecemos hoje, realizada de forma complementar a família, é um fato muito recente (BUJES, 2001, p. 13).

Hoje através da legislação a criança passa a ter direito a educação. A Educação Infantil considerada por lei a primeira etapa da educação básica que tem como objetivo o desenvolvimento integral das crianças, que vai desde o biológico até as dimensões cognitiva, afetivas e emocionais. Para Bujes (2001) a educação infantil deve envolver dois aspectos complementares e indissociáveis que é o cuidar e o educar.

As crianças desta faixa etária, como sabemos têm necessidades de atenção, carinho, segurança sem as quais elas dificilmente sobreviveriam. Simultaneamente nesta etapa, as crianças tomam contato com o mundo e com as formas de expressão que nelas ocorrem. Esta inserção no mundo não seria possível sem atividades voltadas simultaneamente para o cuidar e o educar (BUJES, 2001, p. 16).

É importante frisar que o cuidar para a autora vai além de cuidados primários como higiene, sono e alimentação. Portanto o cuidar implica dizer que inclui preocupações que vão dos horários o funcionamento da creche, da organização do espaço, o respeito às manifestações das crianças, a atenção com os brinquedos que são oferecidos as crianças etc. No entanto podemos entender que o cuidar estar ligado ao educar, onde não podemos vê-los separadamente mais como partes integrantes na educação Infantil.

Foi durante a pesquisa que percebemos o quanto é importante essa relação do cuidar e o educar na educação infantil. Através da observação presenciávamos vários momentos de opressão e o controle que sofrem os alunos por parte da professora. As crianças estão o tempo todo ouvindo a professora: “parem de fazer barulho vocês estão na feira, a fulana é uma tartaruga. Diante destes fatos percebemos como as crianças estão sendo impossibilitadas de expressar sua liberdade. “Tá ficando esquisito esse seu urso, você não pode pintar colorido assim você deve pintar com detalhes. A professora pega o lápis da mão da criança e mostra como ela deve fazer” (Diário de Campo).

Essa atitude da professora em relação a pintura do aluno, e também a respeito da crítica, onde a professora chamou a aluna de tartaruga, nos fez refletir e relacionar com o que diz Paola Basso Menna Barreto Gomes “O importante é termos paciência e respeitarmos o ritmo de desenvolvimento

de cada uma delas, ajudando-as sempre que tiverem dificuldade no manejo de alguma ferramenta [...] mais nunca fazendo o trabalho no lugar do aluno” (GOMES, 2001, p. 113) No entanto é importante que como educadores possamos respeitar o ritmo de cada criança pois algumas apresentam um desenvolvimento mais rápido enquanto que outras tem um pouco mais de dificuldade. O professor deve estimular o aluno, mais nunca criticá-lo, como fez a professora.

No período do intervalo, após o toque da campainha, a professora direciona-se a porta e pedi que as crianças fiquem em fila para sair da sala e ir até a copa, onde deveriam continuar enfileiradas para pegar o lanche. Isso nos fez lembrar do que diz Leni Vieira Dornelles:

Enfileiradas, as crianças vão para a sala de aula ouvindo a professora: “não corram, um atrás do outro, não brinquem, não conversem, não cantem...” [...] eis a sala de aula. Nela encontramos vários mecanismos do controle disciplinar como: a divisão do tempo fortemente marcado por sua rotina, o controle da brincadeira, do recreio. (DORNELLES, 2001, p, 106)

Podemos então entender que o papel do adulto é importante na medida em que se posiciona como mediador, porém quanto este não proporciona a criança autonomia ele acaba assumindo um papel diferente e muitas das vezes inadequado para o desenvolvimento da criança.

CULTURA E GÊNERO

Sobre cultura e gênero presenciamos várias situações das quais duas nos chamou mais atenção. Em meio há uma atividade sobre a cor da pele e os tipos de brinquedos que os alunos brincavam a professora questiona uma aluna que havia assinalado alguns brinquedos que supostamente “só meninos” brincam. “tu não brinca de carrinho eu creio apaga tudo isso que tu não brinca” (Diário de campo). Esta situação relembra o que diz a autora Jane Felipe sobre professoras ou vigilantes da sexualidade infantil onde apontam a responsabilidade que as professoras tomam para si diante da possível orientação sexual das crianças.

Se estes demostram interesse em brincar com boneca, ou se estão sistematicamente brincando de casinha com as meninas ou se fantasiando de personagens femininos, ou ainda, se apresentam quaisquer outros comportamentos considerados não apropriados ou não condizentes com sua masculinidade, são logo vistos como um problema a ser resolvido (FELIPE, 2001, p. 64).

Por outro lado, as meninas também são alvos dessa vigilância, as meninas que demostram comportamentos diferentes daqueles a qual foram

educadas como modelo de submissão, passividade e meiguice são também motivos de incômodos.

É impressionante como os adultos interferem nas escolhas de brinquedos e brincadeiras das crianças. Tendo sempre a ideia de que meninas brincam de boneca e meninos de bola e carrinho. As escolhas que as crianças fazem não caracteriza e nem determina identidade nem orientação sexual.

É importante perceber que dessa forma os adultos acabam interferindo no desenvolvimento das crianças, ocasionando uma limitação por acreditar que através das escolhas das crianças podem colocar em risco a sua identidade bem como a sua orientação sexual.

Logo devemos, como educadores desfazer algumas barreiras que estabelecem o que seja apropriado para meninas e meninos. Sendo assim cabe as escolas infantil repensar o que está a sua volta, para que não permitam que a diferença entre as pessoas se transformem em desigualdade de gênero.

Outra questão importante analisada foi em relação as questões sociais e culturais trabalhadas na sala de aula. Fazendo uma análise tanto do que foi dito pela professora como das observações notamos que as questões culturais são trabalhadas de maneira superficial. “É importante vem dentro do nosso projeto essa questão de culturas, as datas comemorativas estão aí” (Diário de campo). Podemos então relacionar esta fala com os estudos de Vera Candau sobre multiculturalismo assimilacionista.

A abordagem assimilacionista entende que atualmente vive-se em sociedade multicultural, no sentido descritivo, em que as pessoas não dispõem das mesmas oportunidades, ou seja, em que não existe igualdade de oportunidades. A partir de uma política assimilacionista, numa perspectiva prescritiva, procura favorecer a integração de todos na sociedade e que sejam incorporados à cultura hegemônica, não se alterando, porém, a matriz da sociedade ou seja, inserir-se o indivíduo no grupo mas deslegitima saberes, línguas e crenças. (CANDAU, 2003)

O multiculturalismo neste caso torna-se como algo aparentemente harmonioso, porem essa abordagem é excludente a medida que o currículo das escolas é resultante dos conflitos e interesses da cultura dominante. No entanto, não é esse tipo de multiculturalismo que precisamos saber e pôr em prática mas sim o multiculturalismo que nos traz referência a igualdade não de leis e direitos e sim as diferenças de valores e costumes.

O FAZ DE CONTA

No decorrer da aula, outro ponto observado na turma de educação infantil foi a brincadeira de faz de conta dos alunos.

Em um determinado momento da aula a professora explicou o teste que iria passar para as crianças, porém o que nos chama atenção é durante a professora estar organizando os papéis para a aplicação do teste. Primeiramente foi entregue aos alunos um lápis e uma borracha, no momento em que a professora está organizando os testes. Então nesse pequeno período de tempo “disponível” as crianças criaram brincadeiras. Um deles utilizou o lápis como uma espingarda, outro usou a borracha como carrinho, outro como um barco. Porém o que percebo que não se dá uma importância significativa aos jogos simbólicos. No qual pode-se perceber muitos comportamentos e experiências da criança como afirma Vera Lúcia Bertoni dos Santos:

Podemos, então, definir o espaço do jogo como um espaço de experiência e liberdade de criação no qual as crianças expressam suas emoções, sensações e pensamentos sobre o mundo e também um espaço de interação consigo mesmo e com os outros. (SANTOS, 2001).

No jogo a criança demonstra seus interesses, suas expressões, seus pensamentos, através do jogo a criança cria relações com os outros e com o mundo, pois ajuda na sua formação social. Além disso, através deste o professor exercendo a função de “observador”, observa quais as necessidades do aluno, e assim poder possibilitar novas experiências. Por isso é tão importante o jogo de faz-de-conta e sua relação com as vivências do aluno. Portanto Bujes afirma:

Continuo pensando que a criança nos desafia porque ela tem lógica que é toda sua, porque ela encontra maneiras peculiar e muito originais de se expressar, por que ela é capaz através do brinquedo, do sonho da fantasia de viver num mundo que é apenas seu.(BUJES,pág.21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio como forma de pesquisa sobre a prática pedagógica dos professores nos possibilitou novas experiências que resultaram em reflexões críticas a partir do referencial teórico sobre Educação Infantil. Ao analisar e refletir sobre a prática do professor da Educação Infantil percebemos a grande importância da formação dos professores para a atuação com as crianças, pois o educador deve estar atento as transformações que ocorrem no mundo, para cuidar e educar de forma crítica e criativa as crianças. No entanto, não deve pensar a prática educacional como algo pronto e acabado, devendo estar consciente que todo o processo muda com o tempo e com a educação não é diferente, inclusive a partir das mudanças nas políticas públicas.

Considerando as informações da pesquisa e as referências teóricas estudadas, compreendemos que o papel do professor da Educação Infantil não é só cuidar, vai além, cabe a este proporcionar experiências as crianças, não tratando estas com passividade, mas sempre lembrando que estas possuem vivências que devem ser respeitadas e levadas em consideração durante o processo de educar. Portanto é preciso que o professor busque se aperfeiçoar pesquisando novos fundamentos metodológicos para a sua prática pedagógica e também uma formação continuada que lhe possibilite novos conhecimentos teóricos e práticos.

REFERÊNCIAS

BUJES, M. I. E. Escola infantil: pra que te quero? In: CRAIDY, C., KAERCHER, G. E. Educação infantil: para que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001.

BRASIL. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil. v. 1, Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANAU, Vera Maria. Multiculturalismo e educação: desafios para a prática pedagógica. In: MOREIRA, A. F. B.; CANAU, V.M. (Org.). Multiculturalismo: diferenças culturais e práticas pedagógicas. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. p. 13-37.

CHIZZOTTI, A. Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais. Petrópolis: Vozes, 2006.

CONSELHO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO. Resolução nº 001, de 05 de janeiro de 2010. Dispõe sobre a regulamentação e a consolidação das normas estaduais e nacionais aplicáveis à Educação Básica no Sistema Estadual de Ensino do Pará.

FERREIRO, Emília. Reflexões sobre alfabetização. São Paulo: Cortez, 1999.